

10.4025/6cih.pphuem.470

## **Homens “de saia” e mulheres “de calça” nas feiras: papéis invertidos, ou desconstrução de estereótipos?**

Giovanna de Aquino Fonseca AraújoUM  
FAVIP DeVry Brasil

Nas feiras contemporâneas, tanto no Brasil quanto em Portugal, percebemos um crescimento significativo não só de feirantes - trabalhadores informais<sup>i</sup>, fruto do desemprego e dos fenômenos migratórios - mas também da presença feminina. Este fenômeno está associado ao momento histórico vigente. Muitas mulheres passam a ocupar lugares de negócios em diversas situações: ou em forma conjunta, auxiliando seus maridos; ou por conta própria, sem vinculação com uma figura masculina; ou na condição de filha, ajudando aos pais, e às vezes somente a mãe que já se tornara viúva, ou mesmo divorciada; dentre outras formas. Um estudo brasileiro sobre as feiras da região do Paraíba, realizado nos anos 1982-1989, revela:

(...) Um crescimento de 49% no número de vendedores durante este período (o que significa uma taxa de crescimento de 5,9% por ano), enquanto o número de mulheres cresceu 60% (taxa de crescimento: 7%); em 1989, elas ocupavam 26% dos pontos de venda<sup>ii</sup>.

Embora saibamos que a presença das mulheres nas feiras não é algo que tem lugar somente no momento presente, fruto dos avanços da “igualdade de sexos” resultante dos processos de redemocratização do Brasil e de inserção de Portugal na CEE, acreditamos que tais acontecimentos acabaram por trazer mudanças de mentalidade e de comportamentos que fortaleceram a presença destas nestes espaços públicos<sup>iii</sup>. Não podemos dizer que as mulheres, nas feiras minhotas lusitanas e nordestinas brasileiras, se fizeram presentes a partir da segunda metade da década de 1980, pois elas já se faziam presentes antes. No entanto, podemos afirmar que vê-se um número maior delas após este período, proveniente de um novo cenário no mercado de trabalho dos países capitalistas.

As mudanças<sup>iv</sup> se verificam em três dimensões: a primeira delas diz respeito a uma maior quantidade em geral de feirantes, e assim também de

10.4025/6cih.pphuem.470

mulheres; a segunda relaciona-se à comercialização de mercadorias, pois antes via-se mercadorias específicas para os homens e outras para as mulheres; a terceira mudança é quanto à presença das mulheres no comércio sem a figura masculina ao seu lado em alguns casos chefes de famílias monoparentais, encontrando as feiras como lugares de trabalho e de sobrevivência para os seus dependentes.

A presença de mulheres nas feiras deste estudo é significativa. Nas feiras minhotas portuguesas elas correspondem a 65% dos depoentes, e, nas feiras nordestinas brasileiras, a 50%, conforme a tabela seguinte<sup>v</sup>.

**Tabela 1 – Características dos Feirantes por Gênero**

CARACTERÍSTICAS DOS FEIRANTES GÊNERO (%)	PORTUGAL	BRASIL
	SOMA	SOMA
Masculino	35%	50%
Feminino	65%	50%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo ICS/UMINHO/PPGH/FFCH/UFBA 2007

Tomemos para análise as feiras de Caruaru, no Brasil, e de Vila do Conde, em Portugal. Constatamos, nas visitas à primeira, a elevada presença de feirantes do género feminino. Tal facto, pelo que pudemos observar, também deve-se às atividades desenvolvidas na região, relacionadas ao mercado informal, advindo da época atual em que o desemprego formal se constitui numa evidência. Esta situação trabalhista de acordo com estudo realizado pelo SEBRAE nas empresas do Agreste Pernambucano contempla prioritariamente às mulheres, 56,3% estão no mercado formal, e 52,6% no informal. A tabela a seguir demonstra estes dados:

**Tabela 2 – Demonstrativo por sexo, segundo situação trabalhista nas empresas do Agreste Pernambucano 2003 (%)**

Sexo	Municípios	Total
------	------------	-------

10.4025/6cih.pphuem.470

	Caruaru		Toritama			Sta. Cruz			
	Formal	Informal	Formal	Informal		Formal	Informal	Formal	Informal
Masculino	56,9	35,4	65,7	56,8		58,7	40,6	58,9	43,8
<b>Feminino</b>	<b>43,1</b>	<b>64,6</b>	<b>34,3</b>	<b>43,2</b>	<b>41,3</b>	<b>59,4</b>	<b>41,1</b>	<b>56,3</b>	<b>52,6</b>
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Núm. Obs.	109	209	35	213	92	330	236	752	988

Fonte: Quadro 5.2, Sexo do entrevistado. FADE / SEBRAE-PE. (2003, Maio de). Relatório Final apresentado ao SEBRAE-PE. In: Estudo de caracterização económica do polo de confecções do Agreste de Pernambucano, Recife, p.31.

Na feira de Caruaru, sobretudo na feira da Sulanca, esta realidade se faz maior, tendo em vista a grande presença de mulheres, sejam as costureiras na confecção dos produtos, sejam as vendedoras que comercializam as roupas, ou mesmo as freguesas que adquirem os produtos para os revenderem em suas cidades. Uma pesquisa realizada pelo SEBRAE em 2003, especificamente na feira da Sulanca em Caruaru, apresentou o índice de 49% para feirantes do sexo feminino, enquanto os homens representavam 51%. Ou seja, além de percebermos a presença elevada do género feminino na feira, percebemos também uma certa igualdade nos feirantes por sexo. Constatamos também que os homens, na atualidade, passaram a comercializar também mercadorias anteriormente de domínio feminino como roupas, lingerie e artigos têxteis para casa.

Em nossa pesquisa, verificamos um número de feirantes do género feminino mais elevado que os feirantes do género masculino, 60% e 40% respetivamente. Convém lembrar que não entrevistamos somente feirantes da Feira da Sulanca, mas também das demais<sup>vi</sup>, que estão incorporados ao todo o

10.4025/6cih.pphuem.470

universo da feira grande de Caruaru. Logo, embora essa realidade quanto a presença feminina seja mais visível na Feira da Sulanca, ela se apresenta nas feiras como um todo.

Já em relação à feira de Vila do Conde, o número de feirante mulheres também pôde ser constatado aparentemente e estatisticamente, nas entrevistas que realizamos. De acordo com um levantamento que fizemos pessoalmente em 2007, junto à Câmara do Municipal de Vila do Conde, somado ao ofício recebido pela mesma entidade, de número de registo 106/11, expedido pela Diretoria de Administração e Financeira, constatamos que, dos 389 feirantes cadastrados em 2007, 259 são mulheres e 130 são homens. Facto bastante significativo quanto ao que temos dito até o presente. E mais relevante ainda diante da afirmação de que a feira vila-condense, em 2007, se apresentava de maneira eclética nos géneros comercializados, diferentemente do ano de 2006, que tinha os artigos hortícolas como maior oferta. Em 2007, portanto, o número de artigos hortícolas é de 160 lugares, e o dos demais artigos 229. Mesmo considerando que os artigos hortícolas fossem comercializados exclusivamente por mulheres, pois era assim no passado, ainda assim sobriariam cerca de 40% das mulheres para comercializar os demais produtos. Estes dados corroboram nossa afirmação de que na atualidade homens e mulheres comercializam os mesmos produtos. Na sequência, apresentamos os dois gráficos relativos à análise em Vila do Conde. O primeiro deles corresponde ao demonstrativo dos feirantes entrevistados por género, apresentando 55% para o público feminino e 45% para o masculino, e o segundo às mercadorias que estes declaram comercializar.

**Gráfico 1** – Demonstrativo dos artigos comercializados pelos feirantes em Vila do Conde

10.4025/6cih.pphuem.470



Fonte: Pesquisa de campo ICS/UMINHO/PPGH/FFCH/UFBA 2007

Em se tratando das mercadorias comercializadas pelos géneros específicos, trouxemos como exemplo também o caso de Campina Grande. No seu estudo sobre as feiras do Agreste Paraibano, nos anos 1980, Garcia constatou que, para as mulheres da época, não era comum o ato de negociar, sobretudo se as feiras fossem realizadas fora do seu lugar de moradia. Cobia portanto à mulher ajudar seu cônjuge na arrumação, em casa, dos produtos que ele levaria para as feiras e, no máximo, ir até o local de trabalho deste em horário de almoço, levando a refeição para ele. Enquanto o marido almoçava, a mulher atendia ligeiramente os clientes. Segundo a autora, os entrevistados de sua pesquisa, quando interrogados sobre o hábito de as mulheres não negociarem, declararam não “ficar bem” mulher “andando pelo meio do mundo”<sup>vii</sup>. Naquele momento as mulheres só passavam a negociar integralmente por ocasião de assumirem o papel de chefes das famílias em estado de viuvez, e se não tivessem filhos homens que pudessem assumir o lugar do pai no comércio das feiras. Garcia destaca ainda que as poucas mulheres presentes na feira para negociar,

Ocupavam sectores de bancos de café de uma maneira exclusiva. São dominantes em certos sectores secundários da feira (como verdura e pão) e chegam a penetrar

10.4025/6cih.pphuem.470

ocasionalmente em outros sectores de venda a varejo. No entanto, nunca vendem no atacado<sup>viii</sup> [este lugar era prioritariamente masculino].

A autora acrescenta ainda, em outro estudo dos anos 1980, no estado de Pernambuco, que raramente encontravam-se mulheres em sectores de produtos alimentares considerados mais nobres como farinha de mandioca, cereais e carne. Estas eram atividades definidas socialmente como “muito pesadas”<sup>ix</sup>. Destaca também que, nas feiras pernambucanas “os bancos de café que contam com maior número de mulheres (16, em 1982, e 17, em 1989); alí a presença feminina é quase exclusiva, em especial quando se trata de cozinhar no local”<sup>x</sup>.

Retomando a realidade atual e diferenciando-se dos estudos de Garcia sobre a década de 1980, a feira campinense apresentava 348 feirantes cadastrados, sendo 223 homens e 125 mulheres. Para além de haver um elevado número de mulheres<sup>xi</sup>, apresenta também, na descrição das mercadorias e género dos comerciantes cadastrados, aspectos interessantes se comparados à realidade da década de 1980. Observemos, por exemplo, na descrição dos produtos alimentares comercializados (lanche e comida pronta), uma maior quantidade de homens cadastrados (19) que de mulheres (16), produtos que anteriormente eram de venda exclusiva do género feminino. Destacamos também os utensílios domésticos, dos quais só aparecem quatro cadastrados, todos comercializados por homens. E ainda outros produtos antes de domínio feminino: flores, bijuteria e confeções. Notamos também que os homens passam a dividir, atualmente, espaço com as mulheres no ramo em que antes eles tinham o predomínio — a venda de cereais, de carne, peixes e aves.

**Tabela 3**– Demonstrativo do número de feirantes cadastrados se acordo com o tipo de mercadorias comercializadas.

Descrição produto	Feirantes cadastrados (Homens)	Feirantes cadastrados (Mulheres)	Total
Fruta e verdura	16	37	53

10.4025/6cih.pphuem.470

Lanche e alimentação pronta	19	16	35
Confeções	13	12	25
Bijutaria	6	2	8
Utensílios domésticos	4	0	4
Variedades	8	12	20
Cereais	28	12	40
Laticínio (queijos)	12	4	16
Peixe	10	1	11
Carne	41	19	60
Fruta	28	12	40
calçado	9	15	24
Tempero	2	2	4
Ave	3	1	4
Flores	1	1	2
Fumo	2	0	2
Totais	202	146	348

Fonte: Levantamento cadastral realizado pela administração da feira central, em caráter emergencial, fornecido para o presente estudo, apresentado em planilha manuscrita e com a ressalva por parte do administrador que não se tratava de dados fidedignos, podendo ter sofrido alguma alteração, uma vez que não se tratava de um levantamento formal como os dados fornecidos pela secretaria de Serviços Urbanos nos anos 2000 e 2010.

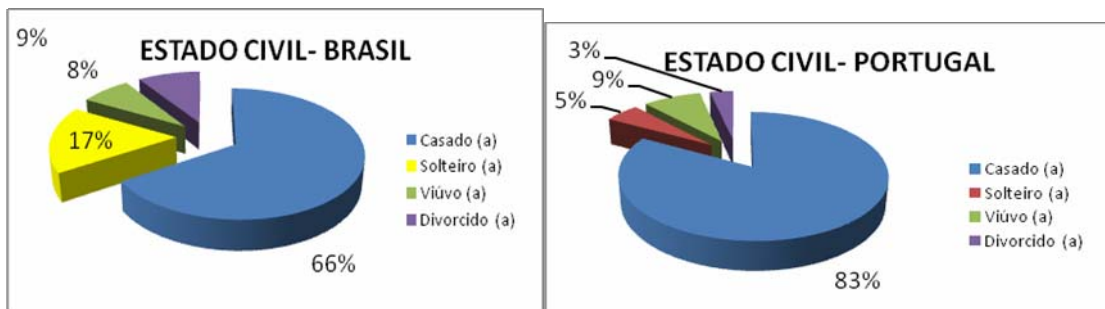
Estas diferenças identitárias em relação aos gêneros dos vendedores e artigos comercializados, que outrora eram estabelecidas a partir do sexo, atualmente encontram-se em processo de troca de lugares, ou mesmo de partição destes. Ou seja, já não vemos homens e mulheres vendendo artigos específicos, vinculados aos seus gêneros e, portanto, papéis sociais preestabelecidos. Pelo contrário, vemos, nas feiras, homens e mulheres comercializando mercadorias comuns, independentemente do gênero a que pertençam.

Estas diferenças quanto aos papéis de gênero dos feirantes não são percebidas somente nas mercadorias que comercializam, mas também nos posicionamentos que ocupam frente às suas respectivas famílias e à sociedade como um todo. Nos referimos às mulheres que hoje atuam nas feiras como colaboradoras no labor de seus cônjuges, compartilhando, portanto, com os compromissos financeiros da família, sendo muitas vezes responsáveis pela manutenção das suas famílias, administrando as estruturas familiares monoparentais. A este respeito, percebemos que, nas feiras investigadas, de

10.4025/6cih.pphuem.470

um lado e do outro do Atlântico, os feirantes, sejam homens ou mulheres, possuem estado civil bem definido, sendo a maioria deles casados, e tendo suas esposas (os) atuando na labuta diária do trabalho nas feiras, 83% em Portugal e 66% no Brasil. Aqueles que não se declararam casados, nem vivendo com companheiras (os), são viúvos (as), divorciados (as), e responsáveis pelas unidades familiares monoparentais. É o que comprovam os gráficos a seguir:

**Gráfico 2** – Demonstrativo do Estado Civil dos Feirantes (em Portugal e no Brasil)



Fonte: Pesquisa de campo ICS/UMINHO/PPGH/FFCH/UFBA 2007

Convém lembrar que os poucos solteiros, 5% nas feiras minhotas e 17% nas nordestinas brasileiras, não são pelo facto de não compartilharem a vida conjugal com alguém, momentaneamente, que são efetivamente “livres”, pois alguns têm filhos e são responsáveis por eles. A esse respeito o depoimento da feirante portuguesa, Cristina Martins, em Vila do Conde: “Sou solteira, mas aprendi a trabalhar nisso com minha mãe. Desde miúda que trabalho em feiras. Gostava mesmo era de tirar um curso. (...) Sim tenho uma filha”<sup>xii</sup>. E também da feirante brasileira Maria da Glória, na feira de São Joaquim,

Toda minha família vive daqui. Sou solteira no papel, mas tive três companheiros, agora estou sozinha. Minha vida é essa feira de São Joaquim, pois daqui tiro o sustento meu e de meus filhos. Essa feira, para mim, é “mãe” e “pai”, comprei casinha onde vivo com meus meninos, tudo daqui<sup>xiii</sup>.



10.4025/6cih.pphuem.470

As mulheres separadas, divorciadas, ou viúvas, que são responsáveis pelos núcleos familiares monoparentais, relatam<sup>xiv</sup>: “Tenho marido não moça, já tive. Agora, sou só por mim, e pelos meus. Tenho é cinco filhos para criar, se eu não correr atrás [se refere a trabalhar] eles não comem”<sup>xv</sup>. Na mesma direção identificamos o depoimento de mais duas feirantes. A brasileira relata que “Tinha um companheiro, trabalhava numa loja, depois fiquei no desemprego e vim ajudar ele aqui na feira. Tivemos 3 filhos, depois nos separamos, ele arrumou outra e eu fiquei com os filhos e com a banca. Ele se danou no mundo”<sup>xvi</sup>. Diz a portuguesa:

Sou viúva, mãe de duas filhas e um neto. As filhas estão tirando curso e eu continuo trabalhando. Pago renda de casa e o curso delas, tudo daqui. Mas isso vai mal [se refere a diminuição das vendas] não sei no Brasil, mas cá em Portugal essas feiras não param de se acabar<sup>xvii</sup>.

Embora seja relevante destacarmos, neste estudo, os papéis sociais de muitas mulheres na contemporaneidade como chefes dos lares, são muitas as senhoras que encontramos nas feiras compartilhando experiências e responsabilidades com seus cônjuges, sejam estes maridos formais ou companheiros. É o que diz o feirante brasileiro: “Eu vivo daqui, minha esposa também, é o nosso trabalho”<sup>xviii</sup>. Por outro lado, observamos também que, nesse convívio conjugal, muitas mulheres aprenderam inclusivamente o ofício de ser feirante. Os dados da tabela seguinte informam sobre as vias de aprendizado no ofício de feirante, de ambos os sexos. Sabemos que as respostas do gênero feminino se vinculam majoritariamente à segunda opção — por acaso, e com seus cônjuges e companheiros —, enquanto a opção “com os pais e familiares” é mais associada aos feirantes do gênero masculino, uma vez que, em gerações passadas, muitas das meninas ficavam em casa, enquanto os meninos iam para as feiras com os pais<sup>xix</sup>. Nas feiras minhotas portuguesas o índice de aprendizado no ofício de feirante com os parceiros é de 47%, e nas nordestinas brasileiras de 27%<sup>xx</sup>. A tabela seguinte apresenta os índices citados:

**Tabela 4**– Demonstrativo do aprendizado no ofício de ser feirante (Portugal e Brasil)

10.4025/6cih.pphuem.470

APRENDIZADO NESSE OFÍCIO (%)	PORTUGAL	BRASIL
	SOMA	SOMA
Com os pais ou familiares	51%	58%
Por casualidade (com cônjuges, companheiros)	47%	27%
Outro	5%	15%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo ICS/UMINHO/PPGH/FFCH/UFBA 2007

A respeito do facto de terem sido estimuladas a trabalharem nas feiras pelos seus companheiros, os relatos: “Vim trabalhar com meu marido, ele que me botou nisso, mas depois morreu e eu acabei tendo que assumir tudo. Vida sacrificada, mas não posso reclamar, pelo menos ganho o meu pão e dos meus filhos”<sup>xxi</sup>. Uma feirante portuguesa, para além de mencionar que trabalhava com o marido, ainda destacou a presença de mais feirantes do género feminino na feira de Vila do Conde, parentes de seu esposo: “Meu marido também. Do meu lado [se refere a família] não tem feirantes, todos seguiram outros ramos, do lado de meu marido sim. As irmãs dele, a mãe, uma tia.”<sup>xxii</sup>. Disse a feirante em Campina Grande: “Por causa do meu marido, vim parar aqui. Ele adoeceu, foi operado, aí eu vim ajudar *e/le*, vim trabalhar aqui”<sup>xxiii</sup>. A feirante portuguesa refere-se ao marido e ainda acrescenta que mudou de atividade: “Aprendi a negociar com meu marido. Na altura ele vendia fumeiros, vim ajudar *e/le* e depois mudei para tecidos e agora vendo roupas feitas. Mas é artigo nacional!”<sup>xxiv</sup>. Outra feirante portuguesa também refere-se ao trabalho compartilhado com o marido:

Tenho cinco filhos. Minha sogra já vendia louça, depois que ela faleceu falamos com a Câmara e ficamos com esse lugar. Meu marido é que vinha e eu ficava em casa com os filhos. Não tínhamos carro, então ele se motorizava ou então metia a louça no táxi e vinha. Depois compramos uma carrinha e passei a vir também ajudar ele”<sup>xxv</sup>.

10.4025/6cih.pphuem.470

Outras feirantes, embora sejam casadas, atuam independentemente de seus cônjuges e contribuem com a manutenção dos seus lares. Isto pode ser percebido nos depoimentos seguintes, da feirante brasileira: “Meu esposo trabalha aqui, em outro banco”<sup>xxvi</sup>; e da portuguesa: “Ajudo o marido, mas ele não trabalha aqui, é picheleiro”<sup>xxvii</sup>.

Conclui-se, portanto, que homens e mulheres outrora tinham papéis sociais bem definidos, delimitados a partir do sexo; eles estereotipados nas figuras dos “machões”, dos “valentões”, em oposição ao sexo “frágil”. Tais estereótipos definiam os espaços que os sujeitos “podiam” ocupar, escamoteando um poder estabelecido e “naturalizado” como o “tradicional”, o que é de “costume”, as formas de se portar em público e no privado, além de serem definidos os papéis da “chefia” da casa na figura do provedor. Nos finais do século XX e início do XXI, diante de um novo contexto, esses papéis passam a ser questionados e alterados. As mulheres ocupam mais o mundo público e os homens dividem com elas os espaços do mercado de trabalho e as responsabilidades no provimento do lar.

Esta é a realidade dos feirantes contemporâneos, seja em território brasileiro ou luso. As identidades se tornam plurais na medida em que os sujeitos assumem papéis diferenciados, que em grande medida entram em conflito, promovendo crises de identidade de natureza sexual, social e cultural.

---

<sup>i</sup> A seguinte afirmação que constata os elevados índices de trabalhadores informais no Brasil, sobretudo após a década de 1990: “Podemos observar que, ao longo da década de 80, a informalidade atingiu o percentual máximo, em 1984, de cerca de 40% do total dos ocupados, mas em nenhum momento ela alcançou ou ultrapassou o total dos trabalhadores inseridos no mercado de trabalho formal. Por outro lado, durante a década de 90, há uma significativa tendência de queda no número de postos de trabalho formal. A participação dos ocupados formais sai de cerca de 53%, em 1991, para 45% em 2001. Já o emprego informal passa de 40%, em 1991, para 50% em 2001. O ano de 1996 passa a ser o de inflexão na evolução das taxas dos empregos formal e informal. A partir daí, acontece, em carácter inédito, a maior participação dos informais no total dos ocupados no país, segundo os dados da PME/IBGE”

<sup>ii</sup> Garcia, M. F (1992, junho). O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, N.19, ano 7, pp.84-85.

<sup>iii</sup> O espaço público sempre foi inerente ao gênero masculino, espaço também da “vida” e do “trabalho” cabendo as mulheres o domínio privado “ (...) Ao mundo difícil da “vida”, da “rua” e do trabalho em geral, esses universos que são profundamente masculinos e, por conseguinte, estão longe das cozinhas, dos temperos e das boas mesas e camas, onde se pode exercer uma comensalidade enriquecedora (...) ”. A respeito dos espaços sociais definidos como de domínio masculino ou feminino, ver Damatta, R. (2001). *O que faz o Brasil, Brasil* Rocco, Rio de Janeiro, p.52; a história das instituições como mosteiros, guildas, confrarias em finais da

idade média e início da moderna lugares públicos, portanto de vinculação masculina já que as mulheres eram excluídas da esfera pública, cabendo somente o privado das casas, a esse respeito, ver Burke, P (2003) *Uma História Social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução Plínio Dentzien: Jorge Zahar, Rio de Janeiro p.78. E ainda: Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner: Bertrand Brasil Rio de Janeiro.

<sup>iv</sup> Convém esclarecer que essas mudanças não são percebidas de igual maneira em todas as feiras investigadas. Ou seja, se antes aos homens cabia a venda de cereais, no momento vigente eles não deixaram (todos) de vender cereais e passaram a vender ervas medicinais. Entretanto já se percebe uma maior fusão nesse aspecto, em função sobretudo da maior entrada de mulheres no espaço das feiras. Nesse sentido muitas mulheres passam a atuar nos cereais auxiliando seus maridos, ou mesmo muitos maridos auxiliando suas esposas nas vendas com ervas. E há também aqueles que de facto se dedicam ao comércio com ervas, independentemente da presença feminina, é o caso de muitos vendedores deste artigo presentes na feira de São Joaquim em Salvador. Como também muitos portugueses e ciganos nas feiras minhotas portuguesas que hoje vendem artigos de vestuário, calçado, perfumes, relógios, artigos têxteis, bolsas para homens e mulheres. Artigos que antes tinham uma maior tendência de serem oferecidos pelas feirantes. Cabendo aos homens a venda de gado e de cereais, como veremos a seguir.

<sup>v</sup> Mesmo que para este estudo estes valores não sejam evidência de superioridade numérica das mulheres, pois quando fomos fazer a pesquisa o critério de escolha dos depoentes não tivesse sido uma preocupação, o facto é que elas se apresentam em números relevantes. Para além disto, outros estudos evidenciam a presença das mulheres nos espaços das feiras brasileiras. Ver: Silva, V. P. da (2005). *Artes de fazer a feira, práticas e representações de negociação na feira central de Campina Grande-PB*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB; Paim, M. R. (2005). *Do sete a São Joaquim: o cotidiano de "mulheres de saia" e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador e Oliveira, S. S (2009). *As Identidades das Mulheres Feirantes na Feira Central de Campina Grande na Contemporaneidade*. Monografia de Graduação em História, Universidade Estadual da Paraíba Campina Grande-PB.

<sup>vi</sup> Nos referimos as feiras de artesanato, de frutas, de verduras, de laticínios, do Paraguai (importados), calçados, flores, doces, cereais, ervas, e demais produtos.

<sup>vii</sup> Garcia, M. F. (1984). *Feira e Trabalhadores Rurais, as feiras do brejo e do Agreste Paraibano*. Tese de Doutorado em Antropologia Social: Museu Nacional, Rio de Janeiro, pp. 106-109.

<sup>viii</sup> Ibidem, p. 110.

<sup>ix</sup> Garcia, Segundo sexo do comércio cit..., p. 6. Sobre tarefas "pesadas" e tarefas "maneiras" desvinculando-as da ideia de esforço físico, e sim a uma concepção social hierarquizada das esferas de atividades masculinas e femininas. Segundo a autora, tal concepção poderá ser encontrada na obra Heredia, B. A. & Garcia Jr, A.R. (1971). Trabalho familiar e campesinato. *América Latina*, 14, nº 1 e 2. CLAPCS, Rio de Janeiro.

<sup>x</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>xi</sup> Deve-se levar em consideração que o registro pode não corresponder a realidade de facto. Pois muitos feirantes se cadastram por conveniência, ou seja, muitos estão cadastrados mas quem trabalha de facto é um outro; As vezes se cadastra em um nome masculino, ou feminino, mas com vários lugares que podem ser lugares de trabalho exercidos por homens ou por mulheres, ex. na atividade venda de peixes encontramos uma mulher cadastrada que tem na verdade 7 bancas de vendas de peixes, outra com 5 bancas do mesmo produto, ou em calçados há uma outra com 11 lugares em seu nome. De todo modo é conhecedor que todas estas variáveis que devem ser levadas em consideração, no entanto não negamos que a partir dos dados apresentados pelo levantamento realizado pela Secretaria de Serviços Urbanos (mesmo que "informal") que o número de registro de feirantes mulheres na feira de Campina Grande, atualmente corresponde a quase 51% do total dos homens.

<sup>xii</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Cristina Martins, feirante em Vila do Conde, em 14 de Dezembro de 2007.

<sup>xiii</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria da Glória Anunciação, feirante em São Joaquim, Salvador, em 10 de Junho de 2009.

<sup>xiv</sup> Convém esclarecer que trouxemos para demonstração apenas alguns depoimentos. O que não significa dizer que existam outras realidades semelhantes, que podem ser analisadas em outro estudo, pela autora, ou mesmo por outro investigador que se interessar pelo tema.

<sup>xv</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria Conceição, feirante em Campina Grande, em 20 de Fevereiro de 2009.

<sup>xvi</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Dione Martins, feirante em Caruaru, em 08 de Dezembro de 2009.

<sup>xvii</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Helena Matias, feirante em Ponte de Lima, em 26 de Novembro de 2007.

<sup>xviii</sup> Entrevista concedida à autora pelo Sr. Manoel Augusto, feirante em Campina Grande, em 20 de Fevereiro de 2009.

<sup>xix</sup> Sobre o aprendizado no ofício por sexo, Garcia faz a seguinte ressalva: “Para as moças, o facto de ter um pai na feira não quer dizer que elas estejam integradas nessas atividades. Às vezes são levadas a ajudá-lo, quando se trata de um sector onde sua presença é admitida, ou quando não há, no grupo doméstico, meninos em idade de fazê-lo. As meninas não são encorajadas a entrar no negócio. Menos ainda quando pertencem a uma família mais abastada. Até as viúvas que negociavam na feira, quando indagadas a esse respeito, insistiam sobre o facto de que levavam suas filhas à feira nos sábados e domingos, mas que elas deviam estudar durante a semana, porque, *“para uma mulher, a feira não tem futuro.”* Ver Garcia, Segundo sexo do comércio cit..., p. 10.

<sup>xx</sup> Vale lembrar também que nessa categoria aglutinamos os entrevistados que disseram ter aprendido o ofício de ser feirante, pelas condições sociais a que estavam passando na altura, podendo inclusivamente serem casados e desempregados, ambos foram trabalhar na feira, ou senão um ou outro. Ou seja, na categoria de desempregados também se situam esses índices.

<sup>xxi</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria do Carmo Tavares, feirante, em São Joaquim, Salvador, 27 de Maio de 2009.

<sup>xxii</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria de Lourdes, feirante em Vila do Conde, em 27 de Maio de 2009.

<sup>xxiii</sup> Entrevista concedida à autora pelo Sra. Cleonice Agra, feirante em Campina Grande, em 20 de Fevereiro de 2009.

<sup>xxiv</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria Fernandes, feirante em Ponte de Lima, em 12 de Novembro de 2007.

<sup>xxv</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria da Conceição Salgueiro, feirante em Barcelos, em 22 de Novembro de 2007.

<sup>xxvi</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria das Graças, feirante em Caruaru, em 08 de Dezembro de 2009.

<sup>xxvii</sup> Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria de Lourdes, feirante em Barcelos, em 22 de Novembro de 2007.